

História de Mato Grosso

*Seleção de conteúdo para concurso público
do Governo de Mato Grosso*



Elizabeth Madureira Siqueira

Editora Maria Teresa Carrión Carracedo
Produção Gráfica Ricardo Miguel Carrión Carracedo
Chefia de arte e capa Helton Bastos
Projeto gráfico e paginação Maíke Vanni
Desenho digital de mapas, infográficos e ilustrações Marcus Lemos
Revisão cartográfica Leodete Miranda
Revisão de textos Cristina Campos
Adaptação à nova ortografia Walter Galvão

Ficha Catalográfica

S615h

Siqueira, Elizabeth Madureira.
História de Mato Grosso: Seleção de Conteúdo para o
Concurso Público do Governo de Mato Grosso – 2009./ Elizabeth
Madureira Siqueira. Cuiabá: Entrelinhas, 2009.

ISBN 978-85-87226-91-4

1ª reimpressão (2015)

1. História – Mato Grosso. 2. Período Colonial. 3. Período
Imperial. 4. Período Republicano. I. Título.

CDU 94 (817.2)

Nota da revisão e abreviaturas

Esta publicação utiliza o singular para designar povos indígenas
por adotar a grafia convencionalizada pela Antropologia,
como por exemplo: “os Apiaçá”, “os Paresi”, “os Bororo”.
ANI: autor não identificado.



Todos os direitos desta edição reservados

ENTRELINHAS EDITORA

Av. Senador Metello, 3.773 • Jardim Cuiabá • CEP: 78.030-005 • Cuiabá, MT, Brasil • **Distribuição e vendas:** Tel.: (65) 3624 5294 • 3624 8711
www.entrelinhaseditora.com.br • e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br

Reprodução proibida

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.
Nenhuma parte desta edição pode ser reproduzida ou utilizada – em quaisquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia ou gravação, etc, –
nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem expressa autorização da editora.

SUMÁRIO

■ PERÍODO COLONIAL 4	A guerra contra o Paraguai 31
1. Os bandeirantes: escravidão indígena e exploração do ouro 4	A varíola 32
A divisão do “mundo desconhecido” 4	6. A economia mato-grossense após a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai 32
2. A fundação de Cuiabá: tensões políticas entre os fundadores e a administração 6	O cotidiano dos viajantes 32
Os bandeirantes paulistas conquistam e povoam o território de Mato Grosso 6	O cenário mercantil e produtivo 33
O caminho pelas águas até Cuiabá 7	7. O fim do Império em Mato Grosso 38
A Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá 8	Os primórdios da República 38
3. A fundação de Vila Bela da Santíssima Trindade e a criação da Capitania de Mato Grosso 10	■ PERÍODO REPUBLICANO 39
Mineiros chegam ao Guaporé 10	1. O coronelismo em Mato Grosso 39
A fundação de Vila Bela 11	O fenômeno do coronelismo 39
4. A escravidão negra em Mato Grosso; e os Quilombos 14	2. Economia de Mato Grosso na Primeira República: usinas de açúcar e criação de gado 45
Os quilombos 14	As usinas de açúcar 45
5. Os Tratados de Fronteira entre Portugal e Espanha 16	A pecuária 46
Os tratados de limites 16	3. Relações de trabalho em Mato Grosso na Primeira República 48
As fortificações militares 18	4. Mato Grosso durante a Era Vargas: política e economia 48
6. Os Capitães-Generais e suas principais realizações 19	As comunicações 48
O fim do Período Colonial 19	5. Política fundiária e as tensões sociais no campo 50
Governantes 21	Terra e colonização 50
■ PERÍODO IMPERIAL 22	6. Os governadores estaduais e suas realizações 60
1. A crise da mineração e as alternativas econômicas da Província 22	Política contemporânea 60
Panorama sociocultural 22	A divisão do Estado 64
2. A Rusga 23	Pós-divisão 67
A Rusga 23	Plano de Metas 69
3. Os quilombos em Mato Grosso 26	Governantes da República 72
4. Os Presidentes de Província e suas realizações 26	7. Tópicos relevantes e atuais de política, economia, sociedade, educação, tecnologia, energia, relações internacionais, desenvolvimento sustentável, segurança, ecologia e suas vinculações históricas 73
A modernização de Cuiabá no século XIX 26	A questão energética 73
Governantes da Província 29	Meios de transporte 74
5. A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai e a participação de Mato Grosso 31	O cenário cultural da atualidade 75

Período Colonial

1. Os bandeirantes: escravidão indígena e exploração do ouro

A divisão do “mundo desconhecido”

Portugueses e espanhóis disputam as terras americanas

Os portugueses e espanhóis foram os pioneiros na expansão marítima, porém Portugal, mais do que qualquer outro Estado nacional, investiu bastante na arte náutica, fundando a Escola de Sagres e estimulando grandes empreitadas pelo desconhecido e temido “Mar Tenebroso” – nome dado à época ao Oceano Atlântico. Foi fruto dessas experiências o contorno da África, por Bartolomeu Dias, que ultrapassou o Cabo da Boa Esperança. Um outro evento náutico deveu-se ao lusitano Vasco da Gama, que conseguiu chegar às Índias (1498). Mais tarde, Cristóvão Colombo, genovês, a serviço da Espanha, chegou à América (1492) e um novo mundo passou a ser conhecido pelas riquezas potenciais nele contidas. Por isso, foi alvo de disputas acirradas entre as duas Coroas ibéricas: Portugal e Espanha.

Tratado de Tordesilhas

Um tratado de limites, intitulado Tordesilhas, foi firmado dois anos depois do descobrimento da América, em 1494, pelo qual o mundo americano ficou dividido em duas partes, cabendo a Portugal as terras que se situassem até 360 léguas a Leste das Ilhas de Cabo Verde, e cabendo à Espanha as do lado Oeste desse limite.

Uma expedição saiu, em 1500, do porto lusitano do Tejo, em direção às Índias. A frota, comandada por Pedro Álvares Cabral, desviando-se da rota original e se afastando da costa africana em direção ao Oeste, acabou chegando em terras brasileiras. Inicialmente, os portugueses não conseguiram perceber que aqueles territórios não eram indianos. Por isso, denominaram os seus habitantes de índios. Mais tarde, esse erro foi reconhecido, sendo que o documento mais importante e que registra tal engano é a carta escrita ao rei de Portugal pelo navegador Pero Vaz de Caminha. Por ela, a terra, os habitantes, a fauna e a flora são descritos com detalhes, pois tratava-se de uma nova posse em nome da Coroa portuguesa.

O povoamento do novo continente teve início na faixa litorânea onde foram estabelecidas inúmeras vilas que, mais tarde, se tornaram cidades e capitais. Quando o Brasil foi visitado, nesse período, os viajantes europeus se espantavam por ver que somente a faixa de terra que se estendia pelo longo litoral fôra povoada. Dizia o cronista Frei Vicente Salvador, em sua *História do Brasil (1918)*, que os portugueses arranhavam as costas brasileiras, como caranguejos.

A penetração pelo desconhecido e temido interior, também chamado sertão, somente ocorreu durante o século XVII.

Os limites do Tratado, na América do Sul



Algumas questões básicas preocupavam os lusitanos:

- 1ª – desconhecimento dos sertões, o perigo de seus caminhos, a dificuldade de ali encontrar alimentos;
- 2ª – temor dos índios que habitavam o interior do Brasil;
- 3ª – incerteza de que aqueles territórios pertencessem a Portugal, ou fossem, por direito, da Espanha.

Os bandeirantes

Motivos fortes impulsionaram a penetração pelo sertão, capazes de justificar todos os perigos a vencer. Quem primeiro empreendeu essa movimentação foram os bandeirantes paulistas, desejosos dos índios – mão-de-obra importante para as capitanias que não adotaram o plantio da cana-de-açúcar como atividade produtiva. Era o caso daquelas que se situavam ao Sul da Bahia. Nelas, a cana-de-açúcar obteve rendimento pouco expressivo, o que não compensava a importação de escravos africanos, mão-de-obra de elevado custo. Os paulistas foram os primeiros que, do litoral da Capitania de São Vicente, subiram a Serra do Mar, atingindo e se fixando definitivamente no Planalto de Piratininga. Ali, estabeleceram fazendas de gado, criação de porcos e galinhas e mantiveram uma vigorosa agricultura de subsistência, o que garantia sua manutenção, por muitos meses, nos sertões. Os paulistas viviam na fartura quanto à alimentação, porém suas casas eram muito rústicas, tanto no mobiliário quanto na ornamentação. Essa simplicidade e rusticidade, porém, não significava pobreza.

O trabalho principal dos bandeirantes era o de aprisionar índios não somente para utilizá-los nos seus trabalhos, mas, principalmente, para vendê-los como mão-de-obra para as capitanias que, tal como a de São Paulo, mantinham uma produção voltada para a comercialização interna, ao contrário do que ocorria com as capitanias nordestinas, que tinham na cana-de-açúcar, praticamente, seu único produto de exportação. No Nordeste, a opção foi pelo trabalho escravo africano, adquirido a altos preços das mãos dos traficantes europeus que, da África, traziam, em navios negreiros, grande contingente de africanos para serem vendidos em leilão. Os paulistas, ao contrário, iam buscar sua mão-de-obra em ple-

no sertão, constituindo-se em traficantes de índios junto a algumas capitânicas do Centro-Sul e, mais tarde, do Centro-Oeste e Amazônia.

Nas entradas paulistas pelo interior do Brasil, buscavam os bandeirantes, além dos índios, metais e pedras preciosas: ouro, prata e diamante. A descoberta de minérios se deu no final do século XVII. O primeiro achado aurífero ocorreu nas Minas Gerais, de onde foi extraída grande quantidade de ouro e diamante e onde floresceu, em consequência, uma efervescente vida urbana, especialmente na então capital, Vila Rica (Ouro Preto), e nas vilas, como Mariana, Congonhas do Campo e Sabará.

Pertenceria a totalidade das terras mineiras à Coroa portuguesa? Certamente que não, pois, pelo Tratado de Tordesilhas, o Oeste da Capitania de Minas Gerais, e as terras de Goiás e Mato Grosso deveriam, oficialmente, pertencer à Espanha.

Os espanhóis chegaram primeiro, mas não povoaram as terras mato-grossenses

Quando os espanhóis colonizaram o continente Sul-americano, fixaram-se no extremo Ocidente, onde encontraram grande quantidade de prata, metal precioso de interesse na Europa. Isso ocorreu logo no século XVI, o que determinou a construção de cidades ao longo dos contrafortes andinos, estendendo-se até o Sul da América, onde fundaram Assunção (Paraguai) e Buenos Aires (Argentina). Composto por Vice-reinos, o mundo colonial espanhol ateuve-se à exploração da prata atrelada à agricultura, mantendo-se fixados nessa faixa territorial. Isso permitiu que os bandeirantes paulistas adentrassem, em suas andanças pelo sertão, rumo ao Oeste, não encontrando qualquer barreira por parte dos colonos espanhóis durante os séculos XVI, XVII e primeira metade do XVIII.

Os colonizadores hispânicos, certamente, haviam transitado por terras que hoje constituem Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, mas nelas não se fixaram ou, se o fizeram, suas vilas não progrediram e foram, mais tarde, abandonadas: Puerto de los Reys, em pleno Pantanal mato-grossense e Santiago de Xerez, na borda do Pantanal, próximo ao rio Miranda.

Um outro ingrediente colaborou para que os espanhóis não avançassem para o Leste: a presença de grande contingente indígena. Formavam eles uma verdadeira fronteira viva entre os dois impérios. Acossados pelos portugueses – de Leste para Oeste – e fugindo dos espanhóis – de Oeste para Leste –, os índios não contactados estenderam seu território ao longo do rio Paraguai, desde a sua parte Sul até o extremo Norte. Não só dos colonizadores fugiam esses índios, mas também dos jesuítas, que desejavam aldeá-los nas reduções ou missões.

Siga, no próximo capítulo, o percurso dos espanhóis em terras mato-grossenses, tendo por base a pesquisa desenvolvida pela historiadora Maria de Fátima Costa, em sua obra *História de um país inexistente – o pantanal entre os séculos XVI e XVIII*.

Caça ao tesouro

Em 1515, Juan Díaz de Solís, cosmógrafo espanhol, penetrou pelas águas do rio Paraná-guaçu (Paraná Grande), porém alguns membros de sua expedição foram devorados pelos índios Charrua, do grupo Guarani. O nome de Solís, morto nes-

sa ocasião, ficou perpetuado no rio Solís, situado na Argentina. Aqueles que sobreviveram conseguiram atingir terras do atual Estado de Santa Catarina e ali permaneceram. A notícia de que os índios Guarani, moradores do rio da Prata, utilizavam-se de pranchas de metal fez com que esses náufragos se aventurassem, novamente, em busca de minas de prata. Comandados desta vez por Aleixo Garcia, partiram de Santa Catarina, atingiram o rio Paraguai, conquistando os índios Guarani, que se tornaram aliados. Assim, a expedição de Garcia, acrescida desses índios, chegou a contar com mais de 1.000 homens. Rumando rio Paraguai acima, atravessaram o Chaco onde, na altura do Pão de Açúcar, fundaram a aldeia de San Fernando (1520), porém ali não se detiveram, prosseguindo em direção ao Peru, de onde retornaram trazendo muita prata. No regresso, Aleixo Garcia foi assassinado em combate com índios, porém a notícia da existência de grande quantidade de prata nos contrafortes andinos já havia chegado ao conhecimento dos companheiros que haviam permanecido em Santa Catarina.

A continuidade das façanhas de Aleixo Garcia foi levada a cabo por Sebastian Caboto, navegador a serviço da Espanha. Desistindo de seu empreendimento inicial, que era atingir o Oriente através das ilhas Molucas, resolveu ele ir ao encaicho das famosas minas de prata. Essa empreitada não foi levada à frente, pois a Coroa espanhola enviara para a região do rio da Prata uma outra expedição comandada por Diego Garcia. Caboto retornou, em 1530, à Espanha, e a saga em busca das famosas minas de prata ganhou novos atores.

As notícias sobre os imensos tesouros peruanos se espalhavam por toda a Europa e uma nova expedição foi montada pelo nobre Pedro de Mendonça que, com sua própria fortuna, bancou uma grande expedição, à qual se agregaram Juan de Ayolas, Domingos Martinez de Irala e muitos outros, sendo composta de 14 navios, 2.500 soldados espanhóis e 150 alemães, além de 72 cavalos. Tal como os conquistadores anteriores, a expedição de Ayolas subiu o rio Paraguai, onde fundou o Porto de Candelária, atravessou o Chaco paraguaio tendo, nessa ocasião, implementado uma guerra aos índios Paiaguá e Guaicuru, habitantes nativos dessa região. Rumando, como era seu objetivo, para os Andes, conseguiu chegar até a aldeia dos “índios Charcas”, dos quais obteve muitos objetos feitos com metais preciosos: placas, braceletes, coroas e outros. De volta dessa proveitosa viagem, foi morto pelos índios Paiaguá.

Seu sucessor foi Alvar Núñez Cabeza de Vaca, que determinou a Domingos Martinez de Irala que subisse o rio Paraguai. Partiu ele de Assunção, em 1543, e chegou à Lagoa Gaíba, a que deu o nome de Puerto de los Reyes. Uma segunda expedição, que também partiu de Assunção, alcançou as águas do rio Paraguai, atravessando o Pantanal mato-grossense – região onde habitavam os famosos índios Xarayés – rumando, após, para os Andes. Uma terceira expedição, comandada por Nuño de Chaves (1558), seguiu em direção às lendárias terras peruanas e, no retorno, fundou, em 1561, a cidade de Santa Cruz de la Sierra, nova capital da Província de Chiquitos.

Muitas outras expedições foram realizadas e, como vimos, a rota preferida por esses “adelantados” hispânicos era aquela que tinha como ponto final as minas do Peru, situadas no Ocidente da América do Sul. Entretidos nesse itinerário, os espanhóis deixaram de conquistar as terras situadas a Leste, ocu-

padas, então, pelos portugueses. Esses dois povos ibéricos não se encontraram nas Américas e tampouco travaram batalhas pela posse das terras do Planalto Central, pelo menos até a segunda metade do século XVIII.

2. A fundação de Cuiabá: tensões políticas entre os fundadores e a administração

Os bandeirantes paulistas conquistam e povoam o território de Mato Grosso

Paralelamente à extração do ouro, os bandeirantes paulistas continuaram a buscar uma mercadoria que, segundo eles, abundava nos sertões brasileiros: os índios. Foi em seu encalço que as expedições de Antônio Pires de Campos, seguida da de Pascoal Moreira Cabral, atingiram terras que pertenceriam, mais tarde, a Mato Grosso. Pires de Campos, em 1718, localizou os índios nativos das margens do rio Coxipó-Mirim, chamados, pelos bandeirantes, de Coxiponés. A bandeira de Pascoal Moreira Cabral seguiu ao encalço desses índios, dando-lhes violenta guerra, na qual foram perdidos muitos homens, de lado a lado. Depois de serem socorridos por outra bandeira capitaneada pelos irmãos Antunes Maciel, resolveram seguir para o Arraial de São Gonçalo Velho, ou Aldeia Velha, onde haviam deixado alguns homens acampados. Logo após uma das refeições, alguns integrantes dessa bandeira, lavando os pratos nesse rio, encontraram, casualmente, pepitas de ouro. Estavam descobertas as minas em território mato-grossense (1719).

Para organizar o primeiro arraial, cobrar os impostos em nome da Coroa portuguesa e estabelecer a justiça, os mineiros aclamaram, como Guarda-mor, Pascoal Moreira Cabral, que, inicialmente, ficou à frente dos trabalhos administrativos e fiscais. Sua nomeação oficial, dada pelo Capitão-General da Capitania de São Paulo – da qual essas novas minas faziam parte – só ocorreu a 26 de abril de 1723.

A fundação de Cuiabá

Pascoal Moreira Cabral enviou, até a vila de São Paulo, Fernão Dias Falcão, a fim de levar a boa nova da descoberta. A notícia do novo achado aurífero fez acorrer, para as minas do Coxipó, grande quantidade de pessoas das mais variadas partes da Colônia. Exauridas rapidamente, deram nascimento a uma outra, também no rio Coxipó, porém às margens do córrego Mutuca, onde foram encontradas jazidas de ouro. Essa mina ensejou o nascimento de mais um arraial, a que deram o nome de Forquilha. Colocaram-no sob a proteção de Nossa Senhora da Penha de França, padroeira desse segundo achado aurífero e, como era de costume, ali ergueram uma capela em homenagem à santa.

No ano de 1721, outro sorocabano, Miguel Sutil de Oliveira, tendo descido do rio Coxipó para o rio Cuiabá, onde havia plantado roça, enviou dois índios – a que José Barbosa de Sá, primeiro cronista de Cuiabá, denominou de escravos – buscar mel. No retorno, ao invés do doce alimento, trouxeram pepitas de ouro. Estava descoberta a terceira jazida aurífera ma-

Designação oficial de Pascoal Moreira Cabral como Guarda-mor das Minas

Atendendo a que Pascoal Moreira Cabral tem feito entradas nos sertões à diligência de descobrir ouro, em que gastou alguns anos, com muita despesa de sua fazenda, morte de escravos e com grande risco da própria vida, pelo dilatado e agreste sertão, e multidão do gentio bárbaro, conseguindo com a sua diligência o descobrimento de ouro, que hoje se acha com grande estabelecimento no sertão do Cuiabá, e ter sido eleito pelo povo, que se achava naquelas minas, e ter sido confirmado pelo meu antecessor, o Conde D. Pedro de Almeida, hei por bem fazer-lhe mercê do cargo de Guarda-mor das ditas minas [...].

Rodrigo Moreira César de Menezes

Fonte: Leite (1982).

to-grossense, desta vez situada no leito do córrego chamado Prainha, afluente do rio Cuiabá.

A notícia desse novo achado aurífero fez com que grande parte dos moradores da Forquilha e até mesmo do Arraial Velho passassem a minerar no córrego da Prainha, dando nascimento a um pequeno vilarejo, sob a proteção do Senhor Bom Jesus.

Para registro histórico desse primeiro período, o governador da Capitania de São Paulo solicitou que fosse confeccionada uma Ata de Fundação do descobrimento das novas minas que, mesmo tendo sido redigida anos depois da data anunciada, pois Cuiabá, em 1719, ainda sequer existia, valeu como documento fundador das minas mato-grossenses.

Mediante a garantia de que as minas do Cuiabá já eram uma realidade, o governador da Capitania de São Paulo nomeou, para o cargo de Superintendente Geral das Minas, João Antunes Maciel, e para o cargo de Capitão-mor Regente, Fernão Dias Falcão, pessoas da sua mais absoluta confiança.

Ata de Fundação de Cuiabá

Aos oito dias do mês de abril da era de mil setecentos e dezanove anos neste Arraial do Cuiabá fez junta o Capitão-mor Pascoal Moreira Cabral com os seus companheiros e ele requereu a eles este termo de certidão para notícia do descobrimento novo que achamos no ribeirão do Coxipó invocação de Nossa Senhora da Penha de França depois que foi o nosso enviado o Capitão Antônio Antunes com as amostras que levou do ouro ao Senhor General com a petição do dito capitão-mor fez a primeira entrada aonde assistiu um dia e achou pinta de vintém e de dois e de quatro vinténs a meia pataca e a mesma pinta fez na segunda entrada em que assistiu sete dias ele e todos os seus companheiros às suas custas com grandes perdas e riscos em serviço de Sua Real Majestade e como de feito tem perdido oito homens brancos fora negros e para que a todo tempo vá isto a notícia de Sua Real Majestade e seus governos para não perderem seus direitos e por assim por ser verdade nós assinamos todos neste termo o qual eu passei bem e fielmente a fé de meu ofício como escrivão deste Arraial. Pascoal Moreira Cabral, Simão Rodrigues Moreira, Manoel dos Santos Coimbra, Manoel Garcia Velho, Baltazar Ribeiro Navarro, Manoel Pedroso Lousano, João de Anhaia Lemos, Francisco de Sequeira, Asenjo Fernandes, Diogo Domingues, Manoel Ferreira, Antônio Ribeiro, Alberto Velho Moreira, João Moreira, Manoel Ferreira de Mendonça, Antônio Garcia Velho, Pedro de Godoi, José Fernandes, Antônio Moreira, Inácio Pedroso, Manoel Rodrigues Moreira, José Paes da Silva.

Fonte: Siqueira (1997).

O primeiro bandeirante em Cuiabá

Manoel de Campos Bicudo foi um bandeirante pioneiro na penetração do Oeste brasileiro, no início do século XVII. Com o seu filho Antônio Pires de Campos, foi o primeiro bandeirante a atingir a região da atual cidade de Cuiabá, entre 1673 a 1682.

Antônio Pires de Campos, ainda criança, acompanhou a expedição de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, até a mitológica Serra dos Martírios, que nunca foi localizada novamente.

Quem foi Pascoal Moreira Cabral?

Filho do Coronel Pascoal Moreira Cabral e de Mariana Leme, nasceu em Sorocaba (SP), no ano de 1654. Seu pai dedicara-se aos trabalhos mineralógicos junto às Minas de Araçoiaba, mais tarde Fábrica de Ferro de S. João de Ipanema, também em Sorocaba.

Desde muito jovem, Pascoal Moreira Cabral dedicou-se ao sertanismo preador de índio. Em 1682, já era cabo da bandeira capitaneada por André Zunega, seu parente. Foi nessa expedição que Pascoal adentrou, pela primeira vez, em território mato-grossense, na região de Miranda, atual Mato Grosso do Sul. Durante três anos, essa bandeira permaneceu nos sertões caçando índios, erguendo trincheiras para defesa dos componentes e plantando roças para acudir à subsistência.

Foi durante esse período que ganhou dois filhos, provavelmente, descendentes de uma índia, aos quais, mais tarde, reconheceu-os como filhos naturais. Oficialmente, casou-se em 1692, na cidade de Itu, com Isabel Siqueira Cortes, natural da Capitania da Paraíba. Com ela teve 4 filhos, sendo que o primogênito, que herdou-lhe o nome, acabou morrendo, em pleno sertão, no ano de 1722, quando foi vítima de um ataque de índios.

Em 1699, capitaneou uma bandeira na região de Curitiba e, em 1716, seguiu novamente para a região de Miranda, onde passou dois anos em incursões de aprisionamento de índios. Dois anos depois, terminou subindo o rio Paraguai, atingindo o Cuiabá e, deste, seu afluente, o Coxipó, onde travou violento combate com os índios Coxiponés.

Eleito Guarda-mor das novas minas descobertas, Moreira Cabral ali viveu por muitos anos. Já velho, retirou-se para a primeira localidade onde ocorrera o primitivo achado aurífero, o Arraial Velho, às margens do rio Coxipó.

Faleceu em 1730, aos 76 anos de idade, e seu corpo foi sepultado na Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus, em Cuiabá.

Fonte: Silva (1997).

O caminho pelas águas até Cuiabá

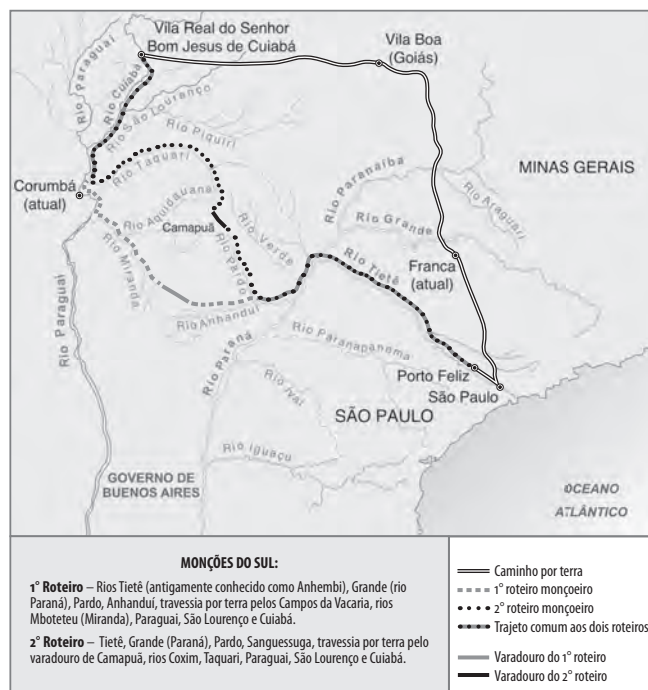
As monções do Sul

Quando os bandeirantes paulistas atingiram o rio Coxipó, implementando guerra aos índios Coxiponés, chegaram a pé ou através de pequenas embarcações, utilizando-se da imensa rede hidroviária que drena o centro do continente. No momento em que a mineração floresceu, às margens do rio Cuiabá, nasceu ali um arraial onde foram construídas casas, igrejas, estabelecido pequeno comércio, tornando-se necessário regularizar o abastecimento, pois seus habitantes estavam ocupados somente com a mineração. Os produtos agrícolas de primeira necessidade, tais como arroz, feijão, mandioca, farinha de mandioca, milho, açúcar e cachaça eram forneci-

dos por duas localidades próximas a Cuiabá: Rio Abaixo (Santo Antônio de Leverger) e Serra Acima (Chapada dos Guimarães). Tudo o mais de que necessitavam chegava através do comércio de maior porte existente na Capitania de São Paulo, da qual as minas do Centro-Oeste faziam parte. De lá, chegavam a Cuiabá: roupas, bebidas, medicamentos, ferramentas de trabalho, alimentos variados, dentre os quais destacava-se o sal, produto indispensável ao bem-estar da população do arraial. A esse sistema abastecedor e de transporte de pesos, implementado exclusivamente através dos rios, deu-se o nome de **monções**.

O abastecimento hidroviário era feito duas vezes ao ano e a viagem demorava, aproximadamente, de 4 a 6 meses, dependendo do volume de água dos rios. Nela, os pilotos e a tripulação eram obrigados a ultrapassar cachoeiras e atravessar, por terra, grandes trechos entre rios denominados varadouros. Nessa ocasião, as canoas e a bagagem eram carregadas no ombro dos índios ou dos africanos. Além disso, as monções contavam com contratemplos inesperados, como avaria das embarcações, temporais, falta de alimentos e, sobretudo, ataque dos índios que habitavam as regiões limítrofes ao trajeto.

Monções do Sul



Guias e mestres dos sertanistas

Os paulistas adquiriram muita destreza em suas viagens pelos sertões graças à ajuda dos índios aliados que, com seus conhecimentos, foram os grandes mestres e guias dos sertanistas. Os índios auxiliaram:

No fabrico das embarcações – Sabiam fazer excelentes embarcações, meio de transporte que utilizavam para locomoção, caça e pesca, assim como para guerrear. Os batelões e canoas eram embarcações feitas com um só tronco de árvore, resistentes e apropriadas à navegação fluvial, muito se distinguindo dos navios utilizados na navegação marítima, velhos conhecidos dos portugueses.